

Newton vai a Sarney pedir menor pagamento da dívida

Editoria

Belo Horizonte — O governador Newton Cardoso informou, em entrevista, que vai mostrar hoje, em Brasília, ao presidente José Sarney, a "posição solidária" de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro, de não aceitar a imposição do recolhimento de 25% da dívida vencida e a vencer em 1989 junto ao Banco Central, concordando com um máximo de 10%. Disse que esses e outros estados querem os mesmos benefícios que o Governo Federal conseguiu nas negociações com os bancos estrangeiros.

"Entendemos ser impossível a rolagem de 25% do estoque da dívida. Se o Governo rolou essa dívida a longo prazo, que repasse aos estados esses prazos, para que possamos estar juntos com a União na carência", defendeu Newton Cardoso. Disse que "Minas será o Estado menos sacrificado", porque acha que a dívida é pequena: US\$ 2,6 bilhões, dos quais entre US\$ 400 milhões e US\$ 500 milhões no exterior. Mesmo assim, não concorda em desembolsar US\$ 100 milhões em 1989, por conta da dívida da administração direta. A dívida da principal estatal, a Cemig (Cia. Energética de Minas Gerais), teria que pagar outros US\$ 150 milhões.

Inviável

"Isso é uma quantia substancial, porque não está entrando dinheiro novo", justifica Newton Cardoso, destacando que São Paulo "ficaria inviável", pois teria que pagar uma quantia superior a US\$

1 bilhão.

No almoço de hoje com o presidente Sarney, Newton Cardoso disse que não falará como porta-voz dos governadores do PMDB defendendo posições apenas dos que o procuraram, como o governador Orestes Querência, que telefonou para ele na sexta-feira passada. "Alguns estados não devem muita coisa e, se devem, não é para o exercício de 1989. Mas a nossa posição foi tirada de um entendimento em uma reunião do Confaz (Conselho de Política Fazendária). Nós chegamos ao máximo do que poderemos pagar, 10% da dívida pública", salientou o governador de Minas.

Candidatos

Newton Cardoso admitiu que, se mantidos os cortes no orçamento, em função do recolhimento antecipado da dívida externa, haveria prejuízos para as pretensões dos governadores que trabalham para serem candidatos à Presidência da República.

"Claro que vai existir. Vai existir porque nós temos um orçamento pela frente e vários programas serão afetados. Mas, eu vou manter os programas da área da agricultura, todos eles, da área de saneamento básico e também das estradas de rodagem", afirmou o governador, salientando, porém, que não conhecia, até agora, as candidaturas à Presidência da República.

O governador de Minas se disse certo de que o Governo não articu-

la a adoção de um novo congelamento de preços e salários, mas admitiu: "Fala-se muito, em Brasília, de uma política econômica alternativa". Mas para Newton Cardoso, essa "política alternativa" não poderá resumir-se numa simples troca de ministros. "Não basta mudar as pessoas, já mudamos o Dornelles, o Funaro e o Bresser. Não adianta mudarmos". Acha que, ao invés de tirar Mailson da Nóbrega, o Governo deve mudar sua filosofia de política econômica, parando, principalmente, de pressionar diariamente a elevação da taxa de juros. "Ao pressionar os juros altos, ele aumenta, também, o serviço do estoque da dívida passada. E, aumentando o estoque da dívida, ele, cria inflação", afirmou.

A solução de curto prazo, segundo disse, é o Governo tratar de baixar o nível da dívida interna, sem o que não haverá solução para a economia brasileira. "Nenhum ministro e nem Mandrake resolve, rão. A solução está, repito, em dois pontos: 1) abaixar a dívida pública interna e, 2) o combate ao déficit público". Isso provocará a retirada do dinheiro colocado no "open" e na poupança privada. Para se enfrentar os investimentos é preciso, neste País, se acabar com a lei da usura, com a preocupação de só aplicar no mercado financeiro. Isso não vai dar em nada. Vai levar o País ao impasse. Temos que investir em programas novos", propõe o governador de Minas.